

Como nós Pensamos

J. Roberto Whitaker Penteadó

É certo recorrer ao jeitinho para resolver problemas...- Opinião de 57% dos analfabetos - Pesquisa Social Brasileira, 2002

Assim que vi a matéria em VEJA, de 22.8.2007 - Como pensam os brasileiros - fui correndo buscar o livro (Alberto Carlos Almeida, A Cabeça do Brasileiro, Record - 42 reais).

Encorajo a todos os meus leitores que leiam logo este livro, mesmo que o artigo de VEJA já tenha quase esgotado o assunto. Le-se rápido, pois há muitas tabelas - e é bom ter os resultados à mão, em casa ou no trabalho. Sobretudo, como fazemos parte do segmento de aproximadamente 1/3 da população mais pensante do país (que VEJA chama de elite, e o nosso presidente de zelite) e - portanto - mais influente (espero!), precisamos aproveitar essa nova munção para tentar, enfim, mudar as coisas.

Não vou reproduzir de novo as informações - sobre ética, sexualidade, jeitinho, destino, família, punições, cor e raça, economia, política, igualdade, civismo, etc. De um modo geral, todas as respostas levam à mesma conclusão básica dos autores da pesquisa: a elite nacional é um farol da modernidade; as classes mais populares são o bastião da reação e de um conservadorismo medievais - ou xiitas.

Mas gostaria de registrar alguns comentários à pesquisa - já que todos vão lê-la, como sugeri.

Primeiro, essa pesquisa deveria servir de alerta e modelo aos 99% das instituições de ensino superior brasileiras que fazem pesquisas complicadas sobre temas bizantinos, que pouco ou nada acrescentam ao nosso auto-conhecimento. Suas premissas inspiraram-se fortemente no trabalho de Roberto Da Matta, que os autores chamam de "o Tocqueville brasileiro", e que também se distingue por ser um simplificador de coisas só superficialmente complicadas.

Mesmo assim, a colaboração do americano Clifford Young (e a referência do General Social Survey, da Universidade de Chicago) - em que pese ter sido benéfica ao pragmatismo das questões - prejudicou a imagem geral, um pouco, pois tendeu a destacar valores mais próximos da ética protestante do que do nosso tropicalismo.

Parece estranho, também, que um estudo tão importante tenha sido realizado em 2002 e os resultados só publicados em 2007. Afinal, foram apenas 2.363 pessoas, ouvidas, em 102 municípios - coisa que o Ibope processa em um dia de trabalho...

Uma outra questão - esta que me aflige desde os tempos em que estudava ciência política no IUPERJ - é o fato de a pesquisa ter inserido a análise qualitativa das respostas numa perspectiva histórica que privilegia uma visão nacional e étnica da identidade brasileira: ou seja, as nossas conhecidas raízes ibéricas e a classificação dos genomas brasileiros em "brancos", "negros" e "índios" - coisa já abandonada pela própria biologia -; esquecendo da maior influência de todas, socio-psico-política, que foi a ordem escravocrata que aqui vigiu durante mais de 3 séculos.

E, finalmente, a maior dúvida de todas: o fator educação será uma variável independente, que determina a classe social, ou é dependente - e por ela determinada?

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=105&ID=418>>. Acesso em: 30 jul. 2009.